

Os 22 Arcanos Maiores do Tarô por Fábio Marcondes.

Começo pedindo licença para todos os tarólogos! Eu não sou tarólogo, eu não abro tarô, eu não estudo tarô e não estou aqui para dizer nada além de minha interpretação empírica totalmente intuitiva na base paradoxal junto a consciência pelos estudos que habitam atmosferas desde 2015 quando ingressei e mesmo relutante ainda caminho pincelando tintas e cavas em gravuras, sendo membro participativo do ateliê Pássaro de Papel, onde tive por esta graça o encontro de todas as explicações ao inexplicável mistério e enigma da existência, sendo para mim a arte a linguagem universal. Transitando alquimicamente por diversas linhas de entendimentos e compreensões que saciam a vã vaidade do homem na tentativa de controle e domínio ao invisível, sendo, também, o tarô tão somente mais uma forma lúdica aos que se identificam para traduzirem para as suas próprias verdades e assim criarem os seus próprios caminhos.

Fábio Marcondes, autor de cinco livros publicados, escrevendo sobre abstinência e dependência química desde 2010. Conta hoje com ofícios complementares, sendo terapeuta, comunicador, escritor e artista plástico. Amante do budismo, transmuta toda natureza artística em vísceras que emergem de gélidos infernos em signos de vícios e recuperação. Adotando autodidata genuína, navega entre oceanos do afeto, amor, paixão e oscilante constante entre dualismos comuns da existência, traz de alguma sorte toda romantizações de suas dramatizações a arte como senso de busca e encontro.

O tarô para Fábio é algo legal, já que, em ateliê cavou muitas portas abrindo imagem dos arcanos. Mesmo estudando sim diversas naturezas do mesmo, apegando-se tão somente na interpretação da carta. Até mesmo sucinta e simples. Já que seu norte não é adivinhação, revelação etc., e sim a leitura da carta, portanto, os ditos aqui conferem tão somente em uma rápida leitura. Conforme a vibe bate, a conversa pode aprofundar ou não. Já que, assim como na impermência da vida, nem tudo é tão bem compreendido por todos, exige níveis de esclarecimentos e até empatia para fazer sentido ou não o que se manifesta junto as cartas. Salva ainda a ideia de o Louco ser a transmutação entre todos Arcanos.

Sua leitura com esse baralho se deu pela Rosa Crística, sua primeira gravura feita e que é dotada até o dia de hoje em rabiscos em todo canto. Há tão somente uma carta com o coração sagrado, outra invocação de sua arte.

Amante do cubismo, sua linguagem sempre transita junto o abstracionismo. Um pouco impressionista, expressionista, modernista e ou qualquer nome que a academia invente para rotular o artista. Assim como um ser empírico pouco liga para títulos e nomes. Deixa essas coisas para quem precisa.

MAGO



Tudo na mesa. O início. Preparado com todas as ferramentas, sejam elas materiais, psicológicas, sentimentos e é lógico, aos que assim atendem também as qualidades energéticas e espirituais.

Podemos enxergar o Mago de muitas formas, sendo aquela pessoa que está pronta para seguir sua jornada. Algo como ter se preparado com todas as possibilidades e deste ponto em diante suas experimentações para concluir infinitas tarefas.

SACERDOTISA



Sabedoria antiga. Voltada ao passado, oculta o saber e o revela conforme haja espaço de compreensão. Anciã, conhece a vida até onde chegou. Posturada, firme, compartilha de forma exata provocativas para encontros esperados.

Traz a ideia de uma pessoa que possui muitas adversidades já superadas. Sabedoria é algo peculiar, onde já não é preciso enfrentar grandes desafios para agir de forma coerente. É ter em sua destreza o verbo como ação de forma assertiva.

IMPERATRIZ



Empoderamento. Exuberância, nobreza. Alcance de um ideal. Poder junto prosperidade.

A qualidade feminina em sua plenitude de poder. Alcançando céus de bons frutos. Tendo firmeza em decisões. Conseguindo gerir vida. Habitante das forças elementares.

IMPERADOR



Poder. Autoridade. Conquista. Prosperidade. Fertilidade.

Contempla toda ambição em equilíbrio junto posições de regências. Capaz de acolher e também enfrentar desafios. Tendo como norte o momento alcançado e mesmo num estado tranquilo, está sempre pronto para agir.

PAPA



Conexão do homem com o divino. Por si ou alguém, algum lugar.
Notoriedade. Credibilidade.

Existem várias possibilidades de entender a ligação do homem com o céu e o inferno. Figuras que adotam um elo de ponte geralmente são sábios, talvez não em sabedoria de academia, mas, de senso comum.

Tendo vias, próprias ou externas, de conectar o mistério junto a certeza presente.

ENAMORADOS



Vícios. Apego de um passado e projeção de um futuro. Desejos.
Pulsões. Regresso uterino.

Há também e justaposto todo um teor de paixão, é onde se encontram as vias das pulsões latentes. O mergulho nos instintos e intuições que vão além da razão.

Um resgate das essências mais sutis duelando com as mais ardilosas.

CARRO

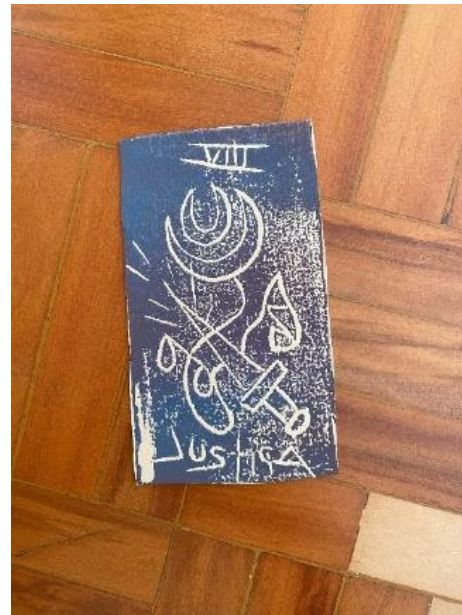


Domínio entre polaridades, tudo que há de dicotômico, seja complementar ou antagônico. Paradoxo.

Essa é uma verdade que se estende para quase tudo na vida.

Descobrir como lidar com as polaridades de toda natureza, mesmo que, unigênita como criação, há em suma relevância uma fração de ordem oposto, ou seja, é onde encontramos as vias, mesmo que embrionárias, de um nível ao equilíbrio.

JUSTIÇA



Equilíbrio de qualidade terrena e ou celestial através de um determinante pessoal ou externo. Ruptura que divide e separa. Momento de pagar ou receber.

Características como estas são sempre conflituosas, pois, o que seria a justiça de fato, já que, em um vasto universo são múltiplas as leis e ordens que nos regem, sendo, portanto, um fator de discernimento na qualidade pessoal e individual, até mesmo de individuação ao critério de seu juízo de valor.

EREMITA



Andarilho que alcançou suas verdades e saiu de rolé pelo mundo compartilhando. Para que cada um encontre a sua verdade. Leva luz onde há escuridão.

Isso acontece mesmo. Não como regra, mas, quando alcançamos níveis elevados de conhecimentos na qualidade de existência, é comum sairmos por aí compartilhando. Existe um mistério curioso aqui, a relação da estrutura, um senhor, apoiado, algo que nos mostra também como a sabedoria e o compartilhamento andam juntos com o tempo em um espaço que rompe padrões atemporais. Já que, luz e sombra são pares de um vazio infinito.

RODA DA VIDA



Impermanência. Ciclos. Importante aprender estar no tempo. Fluir no espaço. Oportunidade de quebras cármicas. Instável, porém, em movimento.

Relação de Samsara e Dharma, onde sempre habitaremos passagens educativas, se estivermos atentos e nos permitirmos trabalhar pontos cíclicos de repetições. Tendo a chance com sorte ou azar, de mudar a batida a cada fase semelhante.

FORÇA



Pujança. Forço elementar. Controle de pulsão. Instinto, primitivo. Dominar sua própria fera e ou aspectos externos que a despertem.

Dominar nosso lado animal, e ou, animais externos que nos atacam. Estas são passagens curiosas para muitos. Inclusive em alguns momentos é até bom deixar o lado animal agir, mas, saber domar sua agressividade e ou instinto selvagem é o que nos distingue além de nossa natureza também primada e nos coloca em cadeia evolutiva junto essências vitais.

PENDURADO



Pausa. Momento de parar e refletir. Está tudo equilibrado. Tu se colocou assim, pode sair quando quiser. Apesar de parecer uma posição desconfortável, às vezes colocar os pés para cima pode ser reconfortante, ainda mais se você se mesmo o fez por conta. Onde pode abrir leques de opções aos horizontes vindouros e criar em harmonia ramos que floresçam junto frutos e muita vida. Mas, tudo depende de você.

MORTE



Transformação. Renascimento. Vida. Mas, com desafios. Findar. Recomeçar.

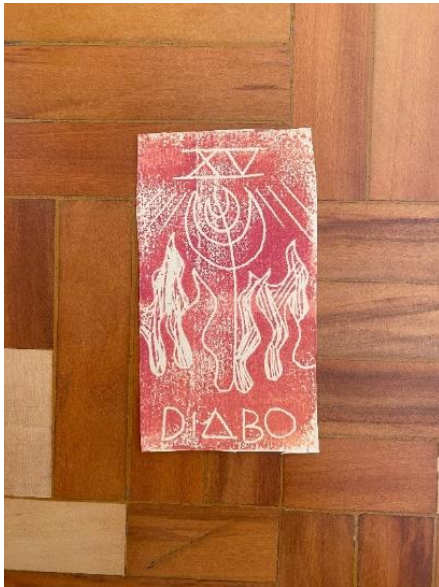
A morte é a única certeza da vida. Podemos provar e comprovar um monte de coisa ao longa da régua pensante, porém, mesmo incerto de quando e como, é a morte a única certeza de todos, quando vivo. Por isso ela assusta. E de fato, quem é que quer perder quem ama e ou partir, mas, a morte em sua essência universal habita em um equilíbrio de vida. Usar essa ideia pode ajudar nas transformações, inclusive para que um novo solo seja cultivado.

TEMPERANÇA



Fluidez. Mudanças positivas. Acalento feminino e celestial. Presença feminina em harmonia, fluxos elementares. A qualidade de uma força genuína que conforta o sentimento, traz esperança e abertura de caminhos para boas colheitas.

DIABO



Pulsão. Desejos. Presença animal, bicho, carne, consumo. Escravo de si. Pode ser visto como agente de ciência para transformação. Um híbrido, anulando e incluindo qualidades polares, mesmo numa frequência de prelúdios ácidos, são chamas que impulsionam estados frios, gerando energia e quando canalizado pode servir para criação de elementos essenciais para necessidade de ações criativas.

TORRE



Impacto na estrutura, pode ser física, mental, sentimental, energética e espiritual. Algo externo afeta. Existem pessoas que tem dificuldade com mudanças, se fixam de tal forma que às vezes é somente com um grande raio explodindo na cabeça que consegue mudar. Estes são enigmas que competem a vida. Oportunidades de mudanças, reciclagens e novos caminhos mesmo que ainda recolhendo caquinhos do que sobrou para um novo monumento mais brilhante.

ESTRELA



Segurança. Conquista. Fluidez. Longevidade.

Nua, dominando o fluxo das águas, iluminando caminhos pelo céu, a estrela é aquela luz que ultrapassa o tempo, nos toca no presente e nos projeta ao futuro. Norte aos navegantes, que navegam sua própria vida, nos traz conforto ancestral e de um amanhã.

É a forma sutil de nos conectar até mesmo com quem está do outro lado.

LUA



Sentimentos ocultos. Hora de se revelar. Sair das profundezas. Instintos se manifestam. Atender as fases.

Característica feminina, a mãe, o leite, não somente isso, o elo do polar feminino onde tudo há, uma conexão com um lado que brilha, mesmo que refletido, mas, ainda assim traz luz, puxa em sua força, assim como também se faz sumir.

SOL

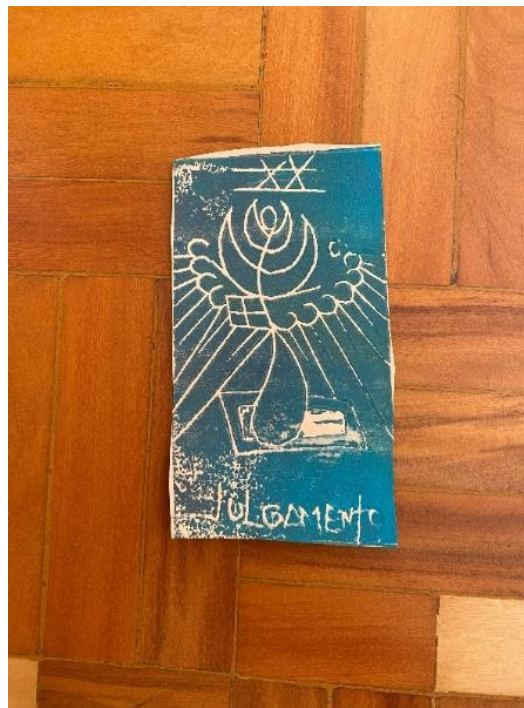


Presença regente. Força. Luz própria. Conquista.

Homem, pai, nos faz sentir calor, calor de vida, calor próprio, onde em excesso também pode causar desastre. Uma destreza de muita força, vida, prosperidade e acalento.

Possui uma centralidade, que, se usada com sagacidade se transforma em compartilhamentos múltiplos.

JULGAMENTO



Chamado externo. Atenção. Pode ser para efeito de melhorias, correções. Estar pronto. Aquela voz que a intuição nos traz e às vezes não ouvimos, é onde sentimos e questionamos, por vezes algo próprio aos níveis iniciáticos, meditativos etc., outras por algo ou alguém externo que nos coloca de frente com o que já sabemos.

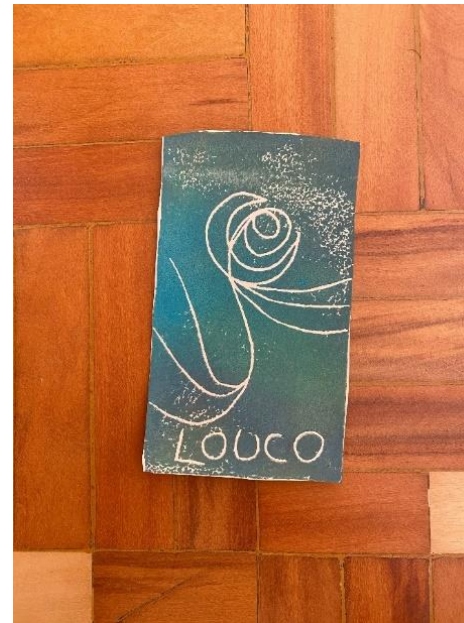
MUNDO



Fim do jogo! Conseguiu tudo. Tem o mundo para você. Conquista. Alcance.

Ter o mundo é ter tudo. Mas, num universo tão vasto, seria tão somente mais uma partícula. Além disso, ser o mundo é ser-te completo, mas, numa vida volátil o que se é então, estas e outras são reflexões que competem este momento. O alcance de algo que mesmo em seu estado completo, há de seguir, e o que seguir cabe em sua decisão junto o alcance do que já fora almejado e agora é seu.

LOUCO



Aquele que transita por todos os lados. Às vezes sábio, outros somente louco mesmo. Sempre lembrando ser humano. Falho. Mas, saltitando pelo mundo sem nada precisar por tudo já ser. Louco! Ele foi todos os Arcanos, passou daqui para ali, estando no começo ou no fim. Sua loucura se apresentou de tantas formas que no fundo ele decidiu voltar-se em sua forma original, só mais um louco na loucura da vida. Aos que precisam, muda-se o nome louco para os grandes sábios e fica tudo igual!

Agora um complemento para apetecer quem tiver fome!

Se vocês pensavam que ficaríamos só por aqui se enganaram, o que teremos é uma junção de entrada junto o tarô para um mergulho profundo em diversas subjetividades ao que compõe a arte e seu universo tão múltiplo e possível em todas as verdades.

Como sou escritor, para que possa existir um signo de reconhecimento, já que, no fundo eu não me sinto escritor em respeito aos grandes escritores que estudam e dominam as letras, darei aqui um pouco de minhas desventuras aos prismas de uma trama complexa, infinita e infindável que também atende minhas frentes complementares de trabalho, tendo como ponto de partida o vício e a recuperação, seja qual natureza implicar para referência junto essa ácida realidade.

Antes vou contar um pouco sobre minhas paixões reflexivas e identificações junto mistérios e enigmas que me tocam.

Para mim a base de tudo que tenho hoje é fruto do Budismo. Iniciei alguns estudos embrionários aos 14 anos de idade, ali, muito cru, já conseguia vislumbrar aspirações ao primado de tudo ser nada e nada ser tudo, algo besta e já banalizado, mas, que para ter uma compreensão real do mesmo é preciso de fato descobrir tudo para

então estar no nada, algo que eu não chego nem perto, porém, já tenho prelúdios de entendimentos.

De lá para cá amadureci muito os níveis de estudos. Naturalmente aprofundei bastante no budismo Tibetano por suas alegorias búdicas, sendo inclusive o determinante de compreensão aos primados do que seria invocação e manifestação, vibração e frequência etc., que daí sim pode ser usado e utilizado com qualquer outro signo de representatividade energética, espiritual, religiosa entre quaisquer outros que tentem de alguma sorte rotular o invisível. Aqui, temos no caso a relação do tarô com somente os arcanos maiores.

Notem que eu sempre transito em um ar de desdém, mas, não é. O que acontece comigo é que eu tenho alguns encontros já definidos junto ações e não apenas recitações em verbos, valor de importância ao que de fato é e não somente proclamado, ou seja, quando tratamos de assuntos subjetivos é de suma importância adotar como regência a consciência e a razão como norte, caso contrário será sempre implícita a verdade pessoal de quem a faz ou replica, o grande problema é quando as orações são repetidas sem a comunhão do mesmo. O que é diferente de modelagens, é necessário até que se crie a sua, viver modelagens do que já existe, portanto, sempre que eu me refiro em qualquer ordem, qualidade e natureza elementar, essencial, vital até mesmo, que seja de uma subjetividade ainda não comprovada ao tempo retardado da ciência e do homem, eu a coloco em provocativa, dado fato, tudo ser tão somente vias numa tentativa de controle e domínio humano ao, novamente, invisível.

Nas passagens da vida virei um viciado, álcool e drogas, consumo exagerado e abusivo, não contente vivi suas migrações, trampolins e num estado cascata, dominó, parei lá embaixo habitante de um gélido inferno, sendo já decoração do mesmo. Emergir destas profundezas foi uma tarefa muito difícil, algo que até hoje, mesmo sem o uso, perambulo em resquícios por vezes dolorosos ao que condiz junto a saúde mental. O mais curioso que me aconteceu e é o motivo em escrever estes aqui com vós, foi a arte ter aparecido e ou por minhas buscas ter a encontrado. De todas as formas que fiz e faço até hoje para tentar sofrer menos, quando muito viver bem, foi a arte o carro, associando agora com a carta sete do tarô, a condição consciente de equilíbrio ao dualismo comum existencial.

Eu gostaria de dizer mais aqui com vocês, mas, já tenho livros de montes publicados contando e compartilhando minhas dramatizações e romantizações temáticas com adicção e dependência química, então resumirei algumas importâncias para conectar com o conteúdo latente deste ensaio.

Desde pequeno, como toda criança inclusive, eu sempre tive uma mente fértil e uma sensibilidade aguçada. Regido por um berço Católico, tive uma ruptura de orientação, meu pai, Ateu, me ensinou ver tudo com olhos de comprovações e compreensões reais. Até por isso me identifico tanto com o Budismo, pois, budismo não é religião, e Buda não é deus. Eu até arrisco aqui, pelas fúrias dos monges ainda

não iluminados, que budismo se quer é espiritualidade. Budismo para mim é uma síntese que através de diversas práticas te permite pela consciência alcançar a si mesmo, e, ao alcançar a si mesmo, compreende que não há você. Poéticas que somente budistas entenderiam! Há, eu não sou budista, ok? Vou até aproveitar para dizer, sou Católico. Sigo a importância de origem para dar a César o que é de César, se em terra precisamos de títulos, que seja esse. Eu prefiro dizer isso do que dizer ser Universalista, pois, ser Universalista para mim requer uma máxima parecida com a do Budismo, é necessário saber tudo para então habitar o nada, e, infelizmente nós ainda vivemos uma coisa muito ignorante. As pessoas se apropriam de signos diversos e criam os mesmos como a verdade absoluta, ao invés de se reconhecer tão falho como todos e em todas as formas, renegam diferenças. Até mesmo Ecumênicos, Laicos, Esotéricos etc., em algum momento torcem o nariz para alguma diferença se achando superiores, isso quando não, ainda entregam suas verdades aos cuidados de alguém que lhes confia como guia e em quase todos os episódios já revelados, os próprios pouco estão se importando. O problema é quando alguém quer ou pensa ser o caminho para outros. Por isso só tenho um nome que replico pela máxima que peguei como modelagem e traduzi para minha verdade criando o meu próprio caminho. Jiddu Krishnamurti reforça em todos os seus livros a importância de cada um descobrir a sua verdade, assim como ele, eu digo para todos que rodeiam meus campos... descubram os seus, os meus só servem para mim e principalmente estão em constantes atualizações.

Voltando, então criança eu era todo atrapalhado, cresci e anulei por medo o que senti de aspecto subjetivo, fosse por retratação egóica na

necessidade pessoal em algum tipo de pertencimento, já que, quando criamos as nossas próprias realidades mesmo que dissimuladas, agimos em base de defesa e sobrevivência justaposto padrões comuns, regionais, do que temos de vida, moralidade, éticas etc., com isso temos a sensação em anular o que sentimos de inabilidade e ainda nos elevamos em um teor subentendido até mesmo de superioridade. Algo muito comum em artistas em geral, não desta maneira consciente, que somente gozo o fruto por ser analisando há anos pela psicanálise, contraponto inclusive de minhas chagas na constante batalha quebrando minha própria vaidade.

Sei que nesse teretê todo eu transitei por várias linhas de quebrantes, não surreais, mas, também sim, como todos fenomenológicos, existencialistas, antroposóficos, filosóficos, psicológicos e até psiquiátricos para juntar tudo e achar nas artes o respiro de encontro para então finalmente me sentir parte, mesmo que isolado, contudo, presente em vida.

Para não esticar mais o chicletes aqui, vamos agora adentrar em uma viagem fictícia junto os arcanos como se fosse a jornada do Louco ficando viciado e depois limpo!

A jornada do Louco junto os Arcanos pelo Vício e a Recuperação.

Bom, vamos lá, convido vocês para mergulharmos juntos, se faltar o ar dá um grito que a gente dá um jeito de trabalhar a apneia, mas, antes de tudo, peço humildemente para deixarmos qualquer juízo de valor sobre o que é certo ou errado de lado, o que teremos aqui é uma ficção, um romance, uma brincadeira lúdica usando os arcanos maiores justaposto com o que aparecer de referências artísticas aos primados simbólicos de qualquer arquétipo substancial para representatividade subjetiva junto o mistério, enigma de tudo que é invisível, mas, muito visível em faculdades diversas da psique, quando não, até concreta aos meios mundanos e terrenos.

O Louco e o Mago.

Certo dia o louco em suas caminhadas com sua trouxinha pendurada, calça rasgada e seu leal amigo, o cachorro, que sempre o chama em atenção ao ultrapassar a estratosfera ao cosmos, incomodado com algum tipo de sentimento ansioso, eis que viu de frente um homem numa mesa apoiada com infinitas ferramentas, objetos de todas as sortes, usando um chapéu em formato de oito, roupas coloridas em vermelho, amarelo e azul.

O louco não sabia se aquilo era bem um encontro com alguém ditando meios possíveis para qualquer ação, uma abertura de caminha, seria um Exú, mas, as frequências são outras, de qualquer forma ele ficou incomodado e parou ali.

Em um rápido momento, não que o mago seja autor do que acontecerá, o ponto é que o louco por ser louco, ora sábio ora somente louco, pegou um objeto estranho na mesa e colocou para dentro da boca, já que o mesmo parecia ser uma espécie de bala.

Não deu nem tempo de saber o que o mago diria, só sei que o louco meteu o louco e vazou.

O Louco e a Sacerdotisa.

No meio do rolé o louco começou sentir uns bagulho estranho, antes onde havia angustia agora tinha excitação, nem o cachorrinho mais adiantava chamar a atenção do louco que perambulava parecendo uma pipoca, e, por falar em pipoca, quem será que é aquela velhinha ali, seria ela Nanã, nana neném, e ria em gargalhadas o louco em direção aquela senhora.

Parando em frente ela, que era exuberante e guardava algum tipo de mistério. Em seus braços, mãos, colo, um enorme livro. Ela numa poltrona enorme, pareciam até asas compondo uma paisagem extraordinária.

O louco parou ali, enrolou um cigarrinho de origem duvidosa, abriu a trouxa e pegou uma garrafa mais duvidosa ainda. Ele não sabia se perguntava algo, se ficava olhando, só sabia que aquela presença o incomodava. A senhora, olhando para trás, tinha em seu olhar uma profundidade que atendia mistérios não revelados.

Vendo a dificuldade do louco, a Sacerdotisa ajudou ele perguntando o que ele estava fazendo por ali... ele sem saber o que dizer, disse que

só estava passando... foi então que ela ecoou um tom firme as seguintes palavras:

-Sua jornada só começou, procure o mundo que há dentro de você!

Neste instante o louco teve tilt. É como se estivesse doidão desses bagulho aí que ele foi usando e meio que voltou ao normal, se é que dá para dizermos isso do louco. Só sei que ele levantou num salto, até o doguinho assustou, e ralou peito rumo um castelo que brilhava como miragem para além do horizonte.

O Louco e a Imperatriz.

Geralmente loucos, arlequins, bobos da corte, tem acesso livre em castelos e para ele não foi diferente chegando naquele monumental castelo que sem saber bem o motivo se colocou para ver.

Tão rapidamente ele estava de frente uma tal de Imperatriz. Neste momento deu um tilt diferente no louco. Sem saber sua origem, ele pressentiu algo como se estivesse dentro da barriga da mãe, imediatamente se viu de frente uma forte luz e seus pulmões doíam com uma sensação estranha em precisar respirar ou morrer. Foi um lapso como um take de um filme. Seus poros puderam sentir. Atordoando, se sentindo triste, sacou daquela boa e valha garrafa duvidosa de sua trouxa e deu uns goles. Disfarçadamente inalou algum tipo de pó brilhante de um potinho e num solavanco retomou a diretriz.

A Imperatriz era tão empoderada que nem mesmo deixar de a ver ele conseguia. É como se estivesse hipnotizado.

Alegrando vossas majestades, fez gracejos.

Um pouco atordoado com tudo aquilo foi para o pátio onde havia um jardim de flamingos e descansou por alguns instantes confeccionando mais um outro cigarrinho curioso.

O Louco e o Imperador.

O dia estava terminando. Ele não percebeu, mas, estava na presença de uma figura muito imponente. O louco levantou os olhos e viu um homem com armadura, um escudo enorme, robusto, brilhante, ele, esse nobre homem, apoiava-se confortavelmente numa posição que transbordava poder e inclusive prontidão para qualquer situação.

Muito gentil, este homem, que até então não significava nada para o louco, exceto uma admiração encorpada, virou para o louco e disse:

-Ei você aí, levante-se, recomponha-se, avance.

O louco apenas respondeu a ordem.

Tão prontamente estava o louco como dito. Mas, ele, o louco, perguntou para o homem:

-Quem é você, nobre ser de tamanha força e poder?

O Imperador trazendo um nível de enigma disse:

-Eu sou você além de você, como você sou eu em outro além.

Depois disso o louco que é louco achou que aquele mano era mais louco que ele e ralou peito sem dizer mais nada.

O Louco e o Papa.

O louco estava começando a sentir que pegou um caminho estranho desde que trombou um tal de mago. Até então ele tinha vivido coisas que faziam sentido para ele, mas, agora, ele estava sentindo coisas, pensando coisas, fazendo coisas que ao invés de deixar ele de boa estava deixando ele mais louco do que em respiros de lucidez se via louco.

Sei que meio cabisbaixo, alguns delírios, alucinações e paranoias incomuns do que tinha, ouvido vozes, vendo coisas, tudo que para ele antes até parecia normal como se fosse coisas reais, estavam agora o perturbando de algum azar. Para acalmar a mente, olhava o céu, tentando desenhar mapas de um caminho sem destino.

Pegou no sono e foi acordado por dois monges que o levaram para conversar com um tal figurão.

O figurão era o Papa.

O louco já tinha visto algo parecido pelas estradas da vida. Tinha um tal de Oxalufã, um senhor que prostrava um mesmo tipo de cajado com aqueles três horizontais. Estranhamente ele tinha a sensação em ser a mesma pessoa, porém, este de frente, o Papa, não habitava uma frequência tão sutil como a do outro.

Como o louco estava um pouco trilili ainda, foi fácil para absorver o que o Papa tinha para dizer.

Foram horas de conversas que ficaram somente entre eles. O que nos foi trazido de lá é que por fim o louco está em um encontro com suas faces, neste momento, não ainda, foi pelo Papa o contato com o subjetivo, mas, ainda será do próprio louco o encontro.

O louco começou entender que estava mesmo numa caminhada muito estranha.

O Louco e os Enamorados.

Neste momento o louco se deparou com ele de fato.

Estava ali de frente ele, já percorrido um destino muito estranho, parado numa espécie de tenda com uma pessoa jovem, um homem e outras duas, uma jovem mulher e uma senhora.

O louco teve uma euforia meio sexual. Bateu um tesão maluco. Uma vontade de transar geral. Mas, não era só uma vontade de trepar, tinha carinho, afeto, deu até saudades de um colo materno que ele não lembrava ter, mas, sentia ter, fantasia, criava fetiches entre mulheres. Estava todo atrapalhado. Para lidar com isso, não somente puxou da trouxinha sua garrafinha duvidosas, como o pozinho curioso e preparou outro cigarrinho cheirosinho, compartilhando ofertando para estes outros que ali estavam.

Cansado e de saco cheio, o louco já não aguentava mais tanta reflexão. Ele só queria tirar onda e todos que cruzam seu caminho lhe davam ideias malucas que não saiam da cabeça dele. Sem contar as experiências que estava vivendo.

Na cabeça dele tava rolando: -Será que vou comer geral aqui?

Foi numa dessas que o jovem rapaz saiu do meio das duas mulheres, olhou para o louco e disse:

-Meu caro, vossas pulsões tendem ao elixir da vida, sexo é a fonte criadora de toda arte, a arte é a linguagem de toda linguagem universal, o sofrimento, pulse em sua arte que libertará de ti a ti mesmo e assim compartilhará entre faces de outrem todas as nossas e todas as suas.

Depois dessa o louco começou a ficar preocupado e mais careta que todo sábio que cruzara. Meteu pé e novamente ralou peito!

O Louco e o Carro.

Finalmente o louco acertou uma. Pegou carona com um maluco que passava numa nave tunada, uma biga tocada por um nobre ser junto dois cavalos que pareciam liondogs, os fudog, karashihi, um cavalo branco e outro preto, um bufando ódio e o outro leve e sereno.

Sei que o louco pulou pra dentro.

Por sorte foi um cavalo bom. Cavalo para quem não sabe é a gíria para carona.

Aquele mano era muito legal. O cara tinha a manha das coisas. Eles falaram muito sobre o dualismo. Foram até o Taoismo, entendendo as verdades junto as relações de opostos antagônicos e opostos complementares.

Foi irado demais esse rolê.

Um pouco de sanidade na medida do louco para equilibrar sua medida de loucura.

Não diferente de todas as passagens, antes de descer o mano do carro mandou uma ideia pro louco:

-Aí tiu, a fita é a seguinte. Tu vai passar por muitas ainda, como no budismo, se tu apertar demais a corda ou deixar ela muito solta tu não vai ter a nota que precisa para tocar o som da vida.

O louco quase ficou na bad por mais uma ideia mirabolante, mas, como ele teve uma avalanche de terra, digo, finalmente uma pitadinha do elemento ordenado, ele ficou suave e nesse dia nem deu seus pitacos nas suas mirabolantes especiarias de conforto que tinha em sua trouxinha.

O Louco e a Justiça.

Já tinham passado dias e dias, paisagens de todas as alegrias, quilômetros percorridos e um tanto de experiências vividas. Ele estava um pouco centrado com o axé daquele saturno. Então sua navegação pelos oceanos estava mais tranquila. Lembrem-se, tranquilo aqui é um tranquilo do louco, ok, então é tudo meio trilili.

Apareceram alguns homens fardados dizendo que o louco precisava ir ao tribunal para explicar uma situação confusa junto o nome dele envolvido.

Eis que ele se depara de frente com a Justiça.

Uma exuberante forma na qualidade feminina, empunhando uma espada e uma balança.

Ali o louco deu um salto.

Seria ela a personificação de FUDO MYO-O, Manjushiri, Hanubis, que raios de figura é essa. O louco achou que tinha voltado ao seu normal, estava viajando nas ideias mesmo.

Meio que numa miragem. Uma voz doce e firme anunciou ao louco um determinante:

-O que está escrito pode ser mudado, quanticamente, você agora é o senhor de sim. Todo mal e todo bem que gozar será de seu próprio fruto. Assim foi, assim é e assim será.

O louco sentiu um certo medo nisso. Mas, um certo conforto também. Apenas seguiu.

O Louco e o Eremita.

O louco caiu no sono. Tava quebrado de tanta paulada. Teve um sonho maluco.

Sonhou que ele era um senhor que trocara o cachorro por uma lâmpada, e o cachado de trouxa por um cajado de apoio. Andava pelas sombras compartilhando luz. Ele apesar de velho, não se sentia velho, era apenas a lataria que tinha azedado o frango mesmo, mas, sua força vital estava ativa e empiricamente aguçada numa sensação de compartilhamento. Ele quase se sentiu Sidarta ao se transformar em Shakyamuni e perambulou pelo mundo provocando

individualidade para despertares próprios de novas e múltiplas, infinitas, verdades.

Quando acordou, viu ser um sonho, registrando a sensação, levou algo com ele ao continuar andando.

O Louco e a Roda da Vida.

Até agora foram tantas experiências que o louco começou entender que no fundo a vida é uma impermanência como ditam as relações voláteis da existência. Ele lembrou da roda do Dharma, onde de algum azar se sentia vezes no Samsara.

Tinha uma certa instabilidade que trazia um fluxo com a qualidade elementar das águas, além de um mistério animado, como figuras instintivas de sua própria refração.

Ele estava sentando na beira de um rio olhando aquelas rodas de água que geram eletricidade, hidroelétricas né, e uma nuvem passou fixando em cima da roda numa imagem de esfinge. O que lhe pareceu enigmático naquele momento e sem resposta.

O Louco e a Força.

Algo fervia em seu chacra básico, esplênico e plexo solar, é como se um leão rugisse pulsão instintos vorazes. Deu o mesmo saracutico que sentiu quando trombou aquele mano com duas mina, meio que bateu tesão, carência e vontade de usar seus produtinhos que aliviam as tenções, davam ânimo e passava um pano.

Como ele veio de tantas experiências novas ele tentou ao invés de viver alguns tipos de buscas e fugas com seus tereteté da trouxinha, ele parou e refletiu sobre todas as maluquices que tinha experimentado.

Numa sensação de infinito, percebeu que talvez isso seja vivido para sempre. Então ele parou e meditou. Algo novo em sua vida. E pegou esse leão pulsante segurando sua mandíbula e maxila sem que a mordida o fisgasse.

O Louco e o Pendurado.

Pois então, deu certo, ele mandou essa da meditação de tal ponto que transcendeu. Meteu o louco e se pendurou no meio de dois ramos de árvore cortada. Havia uma harmonia de equilíbrio nisso tudo. Foi um estado parecido com uma pausa! Naquele momento ele pensou que tudo poderia ser como realmente tudo foi dito até o momento. Ele até poderia ficar por ali mesmo, para sempre.

Vivendo realidade de ônus e bônus, sacrifício e benefício.

O Louco e a Morte.

O louco decidiu se despendurar e seguir. E do nada se depara com a morte.

O curioso aqui é que ele viu um esqueleto com uma foice varrendo o chão. Tirando pedaços de coisas que pareciam velhas e mortas, na real foi um pouco ruim ver aquilo. O louco achou que estava numa

brisa ainda daquela balinha maluca que pegou na mesa do mago, ou o mix de suas especiarias batendo de forma errada. Seria uma miragem, alucinação ou era real... sei que ele não ligou, havia um pouco de dor, era algo estranho, mas, naquele solo tinham plantinhas crescendo e uma sensação de vida reinava no ar.

Quando o louco estava ralando peito, assustadoramente aquele esqueleto virou para ele e disse:

-Ou, aí, tu mesmo cumpádi, saca só, se liga nessas porra aí que tu tá usando hein, quente mesmo, o bagulho já fisgou, hoje tu passou aqui olhando, amanhã pode ser você que tiro!

Mano, nessa hora o louco se arrepiou inteiro. Até seu cachorrinho que andara quietinho rosnou para o louco o fazendo derrubar a garrafinha que já empunhava em mãos novamente.

O Louco e a Temperança.

Ufa, um alívio.

Finalmente a brisa bateu e veio uma anjinha para dar um salve.

Depois do susto que levou, com medo inclusive, ele que já tinha até se perdido no que estava fazendo, para onde estava indo e o que ele era. Começou meio que invocar aos céus algum respiro de acalento.

Da mesma forma que a morte apareceu delirantemente concretizado em alucinação física e visual, o mesmo se deu com essa anjinha.

Um ser celestial, fluindo entre águas equilibradas, receptáculos divinos, uma presença quase materna em sua natureza e ternura divina. Foi um instante de paz.

Dessa vez, não houve dito. O que acalmou o coração do louco. Tendo como silêncio o dito de todas as coisas.

O Louco e o Diabo.

É meu caro louco, a caminhada é louca mesmo, dessa vez meu mano, tu se fudeu!

Ele pegou uma viela erma e parou num calabouço com seres acorrentados, parecia até uma orgia, não dava para saber se era uma prisão ou um pico de sado e domis, ao mesmo tempo que assustava dava um saracutico gostoso. O louco não se aguentou e pulou de cabeça ali. Foi especiarias e pegação para todo lado. Mentira, bagunça, uma orgia em tanto. Misturou Baco, Dionísio, Sodoma e Gomorra. Um delícia.

O mais curioso é que tinha um ser com cabeça de bode, seios femininos, falo e um sorriso que não dava para saber se dava medo ou conforto.

O louco em uma distração foi até esse mano levar uma ideia.

A conversa foi colossal, homérica, infinita. É como se o tempo parasse. O que foi dito ficou entre eles.

Mas, o louco descobriu que no fundo, de todo prazer e desprazer, aquele seria um ponto comum de toda existência, ora visto em polar

negativo, ora em polar positivo. A questão seria como usar essa energia em algo bom!

O Louco e a Torre.

Eis que depois de tanto teretê um raio rompe do céu que rachou a cuca do louco. Despencando aos cacarecos para todos os lados. É claro que isso não aconteceu de fato, senão nosso querido louco não estaria até aqui desbravando suas jornadas. O que aconteceu é que um raio metafórico atingiu sua mente. Como um chamado, toda a sua estrutura foi impactada. Ele que não sabia ser louco acabou descobrindo ser e isso se deu ao se deparar com tantos outros não loucos que lhe disseram mais loucos do que ele mesmo, ou seja, tudo que ele acreditava até então foi por terra.

O que foi bom. Porque ele meio que deu um reset para continuar adiante.

O Louco e a Estrela.

Brilho. Sim, temos brilho. A segurança desnuda de todas as fragilidades que transparecem forças de natureza genuína, o ser em sua plenitude. Domínio aos fluxos da vida, assim como são as águas. A luz de uma estrela nos traz a certeza de um tempo diferente, o que vemos já foi, o que projetamos ainda será.

O louco estava perambulando e parou junto uma linda moça que o atendeu carinhosamente. Mesmo em luz do dia, estrelas

contemplavam um céu feito altar iluminando navegações para destinos promissores. Foi dada uma energia de esperança.

O Louco e a Lua.

A noite caiu e o louco dormiu.

Das profundezas surgiram animais, ocultos sentimentos se afloraram, incertezas, lobos uivavam amedrontando de algum azar o sono do louco. Novamente a presença materna se fez presente. Um brilho lunar alumina os campos, outrora recolhida, acalmava a distância das marés.

Um sussurro soava em seus ouvidos. Uma voz de sereia, como Ulisses para ouvir o canto sem o pranto, não foi fisgado, gozando sentimentos que estavam guardados e apareciam lentamente.

O Louco e o Sol.

O dia raiou fervendo. Lá no alto o grande mestre. Regente absoluto, ditador de poder, ora perigoso ora provedor de colheitas. O louco feito um passarinho de verão, sentiu-se novamente revigorado. Seu cachorrinho também estava feliz. É como se naquele momento tudo fora alcançado novamente. Nem suas especiarias quis usar. Não precisava. Tudo ali tinha vida. Até mesmo uma qualidade numa ordem de natureza paterna se apresentava. É como se toda fortificação de um dia ensolarado aquecesse o caminho.

O Louco e o Julgamento.

Sem saber em que parte do caminho está, dos céus algo anunciou a chegada. Neste momento o louco já nem ligava mais. Foram tantas coisas que aconteceram além dele que mais essa era fichinha. Mas, foi curioso, pois, algo tocou o louco com reflexões até o momento presente. De uma certa forma o louco encontrou sua consciência, inconsciência, sua loucura, sua sanidade, conversou com suas pulsões, aprendeu trabalhar elas e neste instante ainda sem saber o que é e para onde foi, teve dos céus o chamado.

Uma corneta musical atendeu um lindo cântico, para uma vida que a partir deste instante pode ser vivida em bons proveitos ou muitas dificuldades, dado fato, uma vez alcançado um nível superior de compreensão, nunca mais habitamos modos incertos de nossos atos.

O convite feito ao louco foi em ter agora uma nova versão de suas faces. Como Avalokteshevara, a qualidade búdica da compaixão, que tem mil braços e treze cabeças de buda, ele, o louco, poderia ser o que desejar ser.

O Louco e o Mundo.

Lembram lá no começo que foi dito ao louco ser ele o próprio mundo, pois então, ele por fim encontrou o seu mundo, encontrou a si, tronou-se o seu mundo e assim a si mesmo. Neste momento ele obteve um despertar novamente curioso. Todas as conquistas, todas as revelações, todas as quebras de consumos negativos, todas as vias de transmutações e tudo isso para que, ele se perguntava.

Ao mesmo tempo que encontrou tudo se viu sem nada. Um estranho vazio apoderou-se de si e por mais pleno e contemplado que estava, se sentia estranhamente louco de fato.

Desnudo, ascendido, ditado e sublimado, ali cosmicamente alinhado, juntou todas as suas verdades e sem uma estada definida, decidiu viver tudo de novo. A dúvida que fica para nós é se essa será uma partida ou chegada, e nesse mistério seguimos juntos com o louco, um pouco louco e um pouco sábio.

Por fim acabamos!

Uma brincadeira que se manifestou como foi, uma invocação lúdica numa ótica descontraída apetrechando um pouco de fantasia, podendo ser utilizada para qualquer signo de dificuldade e os mesmos para resoluções. Os mistérios dos credos etc., poderiam aparecer muitas outras formas, neste instante, aqui com vocês, percebo que muitos outros nomes não foram ditos, mas, eu como um louco, estou sempre chegando e sempre partindo, e hoje não procuro mais mostrar vastidões de conhecimentos, até porque me apeguei mesmo na ideia de cada um descobrir as suas verdades.

Em respeito aos estudiosos e tarólogos, encerro novamente pedindo licença para vocês. Em nenhum momento quis trazer algo como sendo, apenas transitei aos termos semióticos numa semântica livres pela arte.

Espero que possa servir para alguma alegria.

NOIX!



www.fadeque.com.br